

A tecnocultura e a educação

Vera Rudge Werneck

Resumo

O artigo pretende analisar de uma perspectiva filosófico-pedagógico a relação entre a tecnocultura e a educação. Toma como referencial metodológico os pressupostos da Teoria dos Valores conceituando a educação como processo de apreensão e de hierarquização de valores de modo próprio e adequado à realização humana enquanto "pessoa" e enquanto "personalidade". Admitindo que a apreensão dos valores se dê pela sensibilidade analisa o papel da mídia em geral que apela especialmente para esta faculdade, como agente educador. Entende então, ser a hoje chamada multimídia uma instância de educação tendo como função não apenas comunicar mas propor uma hierarquia de valores que leve ao aprimoramento do sujeito. Analisa as características da multimídia, a denotação e conotação de suas mensagens, o imaginário e o sentido de sua linguagem. Mostra que não sendo neutra a produção da tecnologia a sua ação pedagógica dá-se não propriamente pelos conteúdos que transmite mas pelo sentido com que são apresentados. Abor-

da ainda a questão da censura e da ética na produção da mídia. Conclui pela necessidade do aprofundamento da reflexão sobre os conceitos de cultura, de tecnocultura e de educação passando pela ética.

Palavras-chave: Tecnocultura – cultura – mídia – educação – ética

Introdução

A quem cabe o direito e o dever de educar? A educação é em primeiro lugar direito e dever dos pais, da família e, por extensão, do povo, da nação. Voltando-se à concepção de Estado como

sendo o povo organizado e aos seus dirigentes como representantes do povo, cabe, também a ele, por delegação, esta função.

A mídia, como veículo de comunicação cultural, como meio da manifestação da cultura e ao mesmo tempo, como fonte de produção cultural resultante do desenvolvimento tecnológico, vai também ter essa incumbência.

Vera Rudge Werneck

Doutora em Filosofia,
Universidade Gama Filho.

Professora de Filosofia
Antropológica da Universidade
Castelo Branco.

Os veículos de comunicação social, em princípio pertencem ao povo, à nação. Não podem, portanto, por definição assim como a escola, serem prejudiciais àqueles a quem deveria beneficiar.

Os meios de comunicação social estão a serviço da comunidade para informá-la, instruí-la, educá-la, diverti-la, etc...

É, pois, objeto de reflexão cada vez mais premente, a relação educação e tecnocultura. Não apenas a relação da educação com a cultura, mas ainda com a tecnocultura, ou seja, com a cultura produzida e transmitida pelos meios de comunicação social.

No esforço geral para a avaliação das políticas públicas em prol da educação também esta instância deve ser posta em foco como fator que para ela muito contribui.

Educação: uma noção complexa:

O ser humano, desde cedo, reconhece-se como incompleto, como imperfeito, sentindo de maneira bastante evidente, a necessidade de aperfeiçoamento. Está, por isso, sempre procurando melhorar, aperfeiçoar-se. Pode-se entender o processo da educação como sendo, exatamente essa busca constante de aperfeiçoamento, de aproximação de um ideal.

Nas inúmeras conceituações de educação prevalece sempre a idéia do aprimoramento humano. Não apenas de um de seus aspectos, mas de sua totalidade levando-o à sua humanização.

Embora, em sentido lato, admita-se como educação, qualquer processo de desenvolvimento humano, no aspecto físico ou no psíquico; na sensibilidade, na racionalidade ou na vontade; em sentido restrito vai-se aceitá-la como o processo de apreensão e hierarquização de valores de modo próprio e adequado à realização do homem enquanto "pessoa" e enquanto "personalidade". Sob esse ponto de vista, educação não diz respeito propriamente ao conhecimento intelectual que vai responder pelo que se pode considerar como instrução, mas especialmente, pelo conhecimento proveniente da sensibilidade que se empenha na apreensão dos valores.

Enquanto o conhecimento intelectual leva à compreensão dos motivos, o que vem pela sensibilidade promove a apreensão dos valores mobilizando para a ação.

O primeiro objetivo do processo educacional vai ser, portanto, o aprimoramento da sensibilidade para levá-la a direcionar-se para o valor e não para o que não vale ou é prejudicial ao sujeito.

A educação vai desde a mais tenra infância, desenvolver a sensibilidade para o reconhecimento e a apreensão do saudável, do útil, do verdadeiro, da beleza, do bem moral, da vida afetiva, da responsabilidade social. Os chamados valores universais são buscados por todos os educadores: família, escola, sociedade, mídia.

A sensibilidade não é apenas inata. Ela pode ser aprimorada ou embotada conforme o processo educacional do seu meio social.

Uma sensibilidade mal formada pode buscar o nocivo para a saúde, satisfazer-se com o erro lógico, aceitar o mal moral e não praticar a cidadania por não se comprometer com a responsabilidade social.

Não podendo ser entendida apenas como um fenômeno psíquico passivo, a sensibilidade é, na verdade, uma capacidade cognitiva que permite o conhecimento daquilo que satisfaz as necessidades do sujeito levando ao amor e ao ódio. Por meio dela, busca-se o que convém e afasta-se o que de algum modo faz mal.

A mídia em geral e especialmente a televisão, que se comunica primordialmente pela imagem, atinge diretamente a sensibilidade atuando de modo positivo ou negativo no seu processo de desenvolvimento.

O conhecimento humano pode, originar-se da sensibilidade quando apreende os valores pelas experiências ou da razão, quando apreende as idéias e faz juízos e raciocínios. Em ambos os casos sofre a interferência do imaginário.

Também no que diz respeito a este fenômeno é fundamental o papel da mídia.

Admitindo-se como objetivo da educação levar o sujeito a realizar-se como "pessoa" torna-se necessária uma reflexão sobre este conceito.

Entende-se por "pessoa" o ser vivo animal dotado de racionalidade, de liberdade psicológica, de sensibilidade e afetividade realizando-se pelo desenvolvimento dessas características. No seu "devir", tem ele o dever de buscar a plenificação de sua vida biológica, de sua capacidade cognitiva, do seu livre arbítrio, e da sua afeti-

vidade/sociabilidade não havendo escolha quanto a essa exigência.

A primeira meta da educação vai ser, portanto, reconhecendo no sujeito a dignidade da pessoa humana, desenvolver e aprimorar cada uma dessas características. Esse deve ser o objetivo de todos os agentes da educação, da informal e da formal.

Ao mesmo tempo em que "pessoa", cada ser humano é também uma "personalidade" singular e única com características individualizantes provenientes de um código genético, de fatores ambientais e históricos que a tornam especial e diferente de todas as demais. Por este motivo cada um deve também desenvolver-se segundo a sua personalidade procurando realizar no sentido de plenificar, cada uma de suas peculiaridades.

Para a obtenção desse objetivo precisam ser muito diversificados os meios de aprimoramento. Abre-se aí um grande espaço não só para as diferentes atuações da escola mas também para a contribuição da chamada tecnocultura.

A idéia da dignidade da "pessoa humana" e sua dimensão ética são fundamentais no estabelecimento dos critérios de avaliação da ação educacional seja da escola seja da mídia em geral.

Sendo o objetivo do processo educativo a transformação do sujeito, a avaliação parte sempre de uma opção valorativa que deve contemplar tanto a "pessoa" quanto a "personalidade" do educando.

A ação educativa fundamenta-se, portanto, no reconhecimento e na hierarquização dos valores.

Aceita-se então, um modo ideal de ser para o homem que não se reduz a comportamentos ocorridos num lugar ou num tempo nem aos defendidos por determinadas concepções filosófico-religiosas ou aos que correspondem a interesses políticos ou econômicos mas ao que atende à realização do sujeito como "pessoa" e como "personalidade".

O processo da educação faz-se por duas vias: a formal constituída pelas instituições de ensino sob a orientação do Estado, regulamentada por uma legislação própria, e a informal proveniente da família, da sociedade, da cultura e dos meios de comunicação em geral.

A educação seja a formal ou a informal tem como objetivo colaborar para o aprimoramento do indivíduo e da sociedade não podendo, por nenhum modo, transformar-se em agente multiplicador de contravalores.

A hoje chamada multimídia que abrange os diversos meios de comunicação social, constitui uma instância de educação tendo como função não apenas comunicar, mas propor uma hierarquia de valores que leve ao aprimoramento do sujeito.

É ténue a diferença entre educação e cultura. Há, sem dúvida uma interação entre elas: a educação leva à produção cultural, inclusive da tecnocultura, e a cultura promove a educação.

As características da multimídia:

Depara-se agora o mundo com um novo agente de educação: os múltiplos meios de comunicação social, ou seja, a

chamada multimídia. A cultura por ela produzida propõe determinadas hierarquias de valores interferindo assim na educação. As áreas da educação e da cultura interagem de tal modo que um maior aprimoramento da educação e da instrução vai influir na produção cultural e esta ao referir-se a valores, vai entrar no campo da educação.

Segundo Giovanni Sartori (2001, p. 20) "em algumas décadas, o progresso tecnológico nos introduziu na era da cibernética ultrapassando, assim, a própria televisão. Na realidade já passamos ou estamos passando para uma era multimídia na qual, como diz a própria palavra, os meios de 20 comunicação são múltiplos e a televisão deixa de ser a rainha desta multimídia."

Com mais ou menos 60 anos de existência, a televisão comercial é um instrumento de produção cultural bastante novo na história da humanidade sobre o qual ainda não se tem um maior conhecimento. Pouco se sabe sobre a extensão e a profundidade de sua influência; sobre a sua interferência na constituição do imaginário e na educação da sociedade.

Denomina-se "tecnocultura" a produção de bens culturais dos diferentes meios de comunicação e "mediatização", a relação que ocorre entre eles e as instituições sociais.

Afirma Denys Cuhe (1999, p. 157) que "a noção de "cultura de massa" obteve um grande sucesso na década de sessenta. Este sucesso deve-se, em parte à sua imprecisão semântica e à associação paradoxal do ponto de vista da tradição humana, dos termos "cultura" e "massa".

Talvez se possa compreender esta denominação pelo fato de muitos autores enfatizarem mais o consumo da cultura proveniente dos meios de comunicação social do que as características de sua produção. Focalizam especialmente a uniformidade e a globalização que dela decorrem tendo, como conseqüência, uma quase anulação da capacidade crítica do seu público. A tecnologia funcionaria então, mais como um instrumento de alienação do que de aprimoramento pessoal opondo-se, desse modo, aos objetivos da educação.

É sempre procedente a pergunta sobre se o sucesso de certos programas de televisão vem do fato de corresponderem aos anseios da sociedade ou da conquista da assistência pela força de suas mensagens.

Para Muniz Sodré (1996, p. 72), "os meios de comunicação de massa cujos produtos podem ser descritos como uma diversidade de formas tecnoculturais, constituem o lugar primordial de construção da racionalidade ou de moldagem ideológica do mundo a partir da retórica tecnoburocrática de inspiração gerencial."

Introduz-se, com essa afirmação, reflexão sobre a atuação educacional da mídia em geral. A constatação de que ela pode constituir ou não um agente de educação vai exigir um esforço de análise e de crítica da sua produção.

Mesmo a internet, pela sua especificidade tecnológica utiliza uma linguagem simplificadora e redutora eliminando ao máximo adjetivos e advérbios, retirando de suas mensagens as nuances e digressões.

Inúmeras são as características da mídia. Entre elas destacam-se o sincretismo, a homogeneização e o eclecismo.

- O sincretismo: Há uma série de conciliações e sínteses mal feitas e injustificáveis. Percebe-se uma fusão de diferentes concepções religiosas filosóficas e mesmo científicas que são tratadas de modo impreciso e superficial.

- A homogeneização: As diferenças são eliminadas, as nuances apagadas e os fatos diversos são apresentados como iguais. São feitas unificações conceituais pela dificuldade de aprofundamento do conhecimento.

- O eclecismo aparece com freqüência. Não há análise crítica. Os fatos são apresentados enquanto fatos sem maiores interpretações. Os comentários quando feitos referem-se apenas à aceitação da maioria que passa então a ser critério de verdade e de justiça.

Essas características que podem ser entendidas como decorrentes da própria tecnologia do veículo de comunicação dificultam a aprendizagem e o aproveitamento dos conteúdos transmitidos. Nelas situa-se o grande risco da divulgação científica feita pela mídia.

Apesar de todas essas dificuldades é fundamental a ligação entre tecnocultura e instrução/educação, não podendo ser desprezados instrumentos tão poderosos que podem vir a ser cada vez mais bem aproveitados.

Na realidade, a produção cultural proveniente dos meios tecnológicos embora se diversifique e se multiplique cada vez mais mantém como características comuns a conciliação, a homogeneização e

a aceitação de idéias contrárias pelo não-aprofundamento de seus conteúdos.

Alguns modelos de comportamento social são privilegiados sem maiores justificativas e, de certo modo, "impostos" pela insistência com que são apresentados.

É importante, no entanto, reafirmar que não se conhecem bem ainda as conseqüências para a convivência social da aceitação/banalização de comportamentos anti-sociais sistematicamente transmitidos pela imprensa, rádio, televisão e internet. Admitindo-se, por hipótese, como válida a afirmação "façam mal, mas façam de mim" ou a simples menção sistemática, como meio de propaganda, a imensa facilidade de difusão da mídia poderia constituir um fator de propagação de comportamentos anti-sociais somente pela freqüência com que são veiculados.

Ao que parece, quanto mais se fala de alguma coisa mais ela se avoluma, valoriza-se e difunde-se. Mesmo quando se critica e se renova de certa maneira, está-se divulgando e promovendo o que é criticado e condenado. Pode-se, então, imaginar o que acontece quando se noticia o erro sem reprovação e, de algum modo, compreendendo-o e, justificando-o. Sendo assim, a mídia ao divulgar, pelo simples fato de divulgar, reforça o que quer condenar.

É freqüente noticiar-se um tipo de crime incomum e logo em seguida acontecerem outros semelhantes. Noticiar-se um procedimento social e logo após ocorrerem outros na mesma linha ou até iguais.

A falta de conhecimento maior sobre este tema mostra a necessidade de maiores pesquisas sobre ele de modo a que se domine mais claramente os efeitos da divulgação das notícias e para que sejam evitadas as suas conseqüências negativas para a vida social.

Pode-se considerar como outra característica da "mídia" o fenômeno da globalização. O progresso científico e tecnológico vai derrubar barreiras levando a uma universalização da cultura. As mesmas músicas, danças e moda, os mesmos usos e costumes são aceitos internacionalmente.

A atual noção de globalização só pode surgir quando os obstáculos foram vencidos pelo progresso da ciência e da tecnologia. Entende-se atualmente por globalização o fenômeno de unificação mundial da cultura possibilitando os avanços tecnológicos do século XX.

Ao globalizar o imaginário social e ao homogeneizar a participação na produção cultural, o progresso da tecnologia vai responder, em grande parte, pelos novos rumos da humanidade.

A mídia promove o processo de globalização por dois caminhos: primeiramente transmitindo as produções culturais dos vários povos, divulgando seus valores, símbolos e métodos e assim interferindo no processo educacional. Essa divulgação não ocorre, no entanto, de modo uniforme. São especialmente os mais desenvolvidos do ponto de vista científico e tecnológico e economicamente mais poderosos os que mais aparecem os que são mais vistos, conhecidos, aceitos e até imitados. As culturas dos que têm menos

poder mostram-se simplesmente como exemplos de raridade, de excentricidade servindo apenas para a satisfação da curiosidade alheia sem maior força de influência.

A segunda via de ação dos meios de comunicação social no processo decorre da sua própria produção cultural que, para satisfazer as exigências da moderna tecnologia manifesta-se com uma feição própria, um modo de ser específico de construção no sentido da afirmação de Mac Luhan de que "os meios são a própria mensagem".

Essas mensagens marcadas pelas exigências dos meios técnicos tendem a ser universais e uniformizadoras transformando o mundo na formosa "aldeia global" pela identidade de interesses e de comportamentos. Mais do que uma instauração de novos valores, pode-se admitir que sejam, por esse modo, despertados novos desejos e anseios.

A cultura difundida pelos meios de comunicação social não é, no entanto, recebida do mesmo modo por todos. Toda essa cultura produzida num sistema fundamentado no interesse e no rendimento propaga-se de modo diversificado de acordo com o grau de acessibilidade dos seus receptores. É preciso que haja uma ressonância intelectual ou sentimental para que seja apreendida. A questão volta-se então para a constituição do imaginário e, assim, dos desejos e aspirações que vão determinar o que vale para cada um. Embora muitos acreditem não ser possível a influência da mídia quando contrária a hierarquias de valores previamente estabelecidas, e que a produção cultural por ela veiculada só tenha sucesso quando correspondente a anseios preexistentes,

sabe-se ser esta uma questão aberta, dependente de maiores investigações. A grande pergunta permanece sem resposta: até que ponto pode a mídia interferir nas escalas de valores dos indivíduos? Parece ser indiscutível a sua influência na constituição das necessidades e aspirações o que indiretamente acarreta uma alteração na hierarquização dos valores.

Considerando-se a relação da globalização com a prática educativa, nota-se que, embora muitas de suas decorrências sejam negativas, o fenômeno pode potencializar a ação pedagógica. Na verdade, enquanto restrita à escola, à instituição formal, a ação educacional tem a abrangência reduzida. Quando veiculada pelo mídia esta ação pode ter o seu alvo ampliado e até globalizado.

O processo de aculturação constitui um fator de inclusão num dado padrão cultural e assim de promoção ou não do aprimoramento humano. Ao serem difundidos novos conhecimentos científicos que venham a contribuir para a melhoria da higiene, da alimentação correta, da saúde, da consciência dos direitos e dos deveres, da cidadania, etc... os conteúdos pedagógicos são potencializados pela mídia permitindo sonhar com uma sociedade mais instruída, mais ciente dos seus problemas, mais informada e até mais educada. Ao promover a reflexão sobre valores e sobre o seu processo de hierarquização a mídia está contribuindo para o aperfeiçoamento do nível educacional dos cidadãos em âmbito global.

Hoje em dia, o processo de difusão da cultura tende a ser transnacional e a ultrapassar os limites das sociedades estabelecidas com novos métodos de permuta, de troca de mercadorias, de infor-

mações, de conhecimentos científicos e técnicos, de interesses econômicos que levam à crença de ser a globalização um fenômeno que escapa ao controle humano. Seria universalizada a cultura entendida como toda a produção humana, fugindo o processo a qualquer tentativa de direcionamento.

A tecnologia pode, no entanto, dependendo do seu direcionamento contribuir não propriamente para a chamada globalização, mas para o multiculturalismo. Afirma Torres (2001, p. 196) sobre esta questão que, "como movimento social o multiculturalismo é uma orientação filosófica, teórica e política que não se restringe à reforma escolar e que aborda o tema das relações de raça, sexo e classe na grande sociedade".

Somente a educação pode fazer a distinção entre uma globalização que unifica e difunde valores e contravalores, do multiculturalismo que propõe a igualdade no respeito às diferenças culturais, a equidade de direitos e a tolerância entre os povos.

Deve-se registrar que o fenômeno da globalização não se desenvolveu exatamente como uma afirmação da idéia de comunidade, mas, freqüentemente, como um processo de anulação das particularidades, de uniformização de costumes, priorizando mais o aspecto econômico do que as necessidades fundamentais da pessoa humana. Tais características constituem um desafio para o educador e reforçam a exigência de uma constante reflexão sobre a questão.

Acredita-se poder a globalização levar à vivência da noção de comunidade como união dos membros sem especifi-

cação dos fins, à solução do problema do outro pelo compromisso de cada um, pela consciência da responsabilidade social universal e ao mesmo tempo, estimular o respeito ao pluralismo cultural.

No pensar de Edgar Morin (2000, p. 49), é possível a constituição de "uma cidadania terrestre que não pode ser confundida com a mundialização tecno-econômica. Essa cidadania terrestre não deve negar ou rejeitar as pátrias que a compõem mas, ao contrário, integrá-las".

A dificuldade não está portanto, na globalização das culturas, mas no modo como é feita: no domínio do mais forte sobre o mais fraco, no consumismo como valor maior, na irresponsabilidade, na anulação do espírito de comunidade, na universalização da cultura do poderoso em detrimento da do mais pobre, na falta de critérios para a condução do fenômeno. Embora não possa existir um super-organismo regulador, uma autoridade global que controle o processo, é possível a conscientização sistemática dos povos que dele participam para que se eleve o seu nível de exigência e a sua capacidade crítica.

Ocorrem, no momento, movimentos sociais contraditórios: por um lado, processos cada vez mais intensos de globalização e, por outro, reações multiculturais mais e mais diversificadas. A solução do interculturalismo embora difícil, apresenta-se, ao que tudo indica, como a melhor forma de ultrapassagem desse impasse.

Universalismo e multiculturalismo não se opõem. São posições que se completam não exigindo radicalizações. O interculturalismo, como troca de experiências entre as diversas culturas, leva à superação desta dicotomia permitindo um mai-

or diálogo entre as culturas e, assim, a um enriquecimento de ambas.

A denotação e a conotação das mensagens da Mídia:

Reconhece-se na tecnocultura uma linguagem peculiar decorrente da sua própria tecnologia que vai interferir na própria mensagem veiculada.

É uma linguagem técnica, organizada eletronicamente que transforma todos os acontecimentos reduzindo a sua importância. Os fatos transmitidos imediatamente para todo o mundo são simplificados e destituídos de sua real dimensão.

Afirma Octávio Ianni (2000, p. 122), que "no âmbito da aldeia global, tudo tende a tornar-se representação pasteurizada, simulacro virtual". Cria-se uma realidade artificial que vai influir na constituição do imaginário social unindo os que deles participam. Vai ocorrer a anulação das peculiaridades e características das diferentes personalidades individuais e sociais e a imposição de comportamentos padronizados.

A produção cultural proveniente da mídia não apenas reflete a realidade mas a inventa e modifica. É uma produção que "cria" uma realidade e interfere na percepção dos fatos.

O discurso aparece como um evento especialmente produzido pelos meios de comunicação social sendo compreendido como significação e como sentido. Como exemplo pode-se citar o discurso da posse do Presidente Lula. Ele apareceu não apenas como um conteúdo lógico trans-

mitindo idéias e juízos, mas como um evento com um sentido determinado. Nele foi possível reconhecerem-se um significado e um sentido. Além do conteúdo manifestado pela denotação da linguagem, foi ainda passada uma mensagem pela sua conotação e um sentido pelo que representou para o país a posse de um presidente operário. Foram possíveis diferentes níveis de leitura da mesma ocorrência.

O discurso da tecnocultura apresenta uma significação não apenas pelo que mostra e diz, mas ainda pelo que não afirma explicitamente. É a conotação da linguagem. Há uma significação intencional e outra que ocorre à revelia do sujeito, ou seja, de modo latente sem que dela ele se dê conta. Ambas interferem na realidade promovendo mudanças no comportamento social.

A mídia em geral e especialmente a televisão pela especificidade de sua linguagem é extremamente parcial distorcendo os fatos e criando uma pseudo-realidade que é apresentada como verdadeira e aceita passivamente pelo público.

Mostra Eliseo Verón (1970, p. 177) que "é porque, em cada situação concreta, o emissor se defronta com um certo número de opções para construir as suas mensagens, opções essas não suscetíveis de decisão em termos de regras sintático-semânticas do sistema que essas mensagens simultaneamente denotam e conotam, em outras palavras, comunicam e metacomunicam."

Admitindo-se que toda comunicação opera em dois níveis, no da denotação e no da conotação, torna-se especialmente importante o desvelamento da linguagem

da tecnocultura. Talvez se possa considerar como o grande desafio dessa modalidade de produção cultural, a dificuldade de percepção da sua conotação que se manifesta de modo muito velado mascarando preconceitos e visões ideológicas.

A cultura produzida pelos meios de comunicação social apresenta-se como um discurso unilateral. Um monólogo e não um diálogo, ou melhor, um diálogo em que a resposta do interlocutor vem posteriormente e não por expressões verbais, mas por atitudes e comportamentos.

Como mostra Eliseo Verón (1970, p. 178), "sendo abstrato o conceito de metacomunicação, é preciso estudá-lo em relação ao sistema empírico em que se dá, ou seja, na situação concreta em que ocorre. É variável a dimensão e a força com que esta conotação atinge o sujeito assim como é variável a sua capacidade para se dar conta de tal fenômeno."

A mídia educa ou deseduca pela denotação de sua linguagem e especialmente pela conotação, e pelo sentido de sua mensagem que não são imediatamente percebidos pelo sujeito.

O não-desvelamento da conotação da linguagem da mídia pode constituir um obstáculo para o educador. Pode transformá-la em um fator desconhecido de mudança de comportamento; de permissividade ou de intolerância, de passividade ou de ação; de valorização ou desvalorização. Certos anúncios ao ligarem certas categorias a determinados valores e comportamentos têm um papel importante na educação como, por exemplo: "jovem não gosta de música erudita", "mulher não gosta de atividade intelectual", "a polícia é sempre a culpada", entre outros.

É sabido ser impossível a neutralidade na produção cultural. Como toda atividade humana e social vem ela sempre marcada por uma visão de mundo e por um posicionamento ideológico.

Ocorrem todos os dias centenas, talvez milhares de fatos dignos de divulgação. Somente alguns são escolhidos, somente alguns são veiculados pela mídia para o conhecimento do seu público. Afirma Giovanni Sartori (2001, p. 71): "em suma, o visível nos aprisiona no visível. Para o homem, diante da televisão é suficiente o que vê e aquilo que não é visto não existe. Tal amputação é colossal. E se torna pior pelo motivo e pela forma com que a televisão escolhe aquele detalhe visível entre centenas ou milhares de outros eventos igualmente dignos de consideração."

Além dos significados dos conteúdos da produção cultural que já se mostram com características próprias especialmente os veiculados pela "mídia" com sua linguagem própria, apresentam um "sentido".

Entende-se por sentido a propriedade da comunicação que faz com que por sua metalinguagem o significado de sua mensagem manifeste uma intenção, um determinado viés. Os mesmos significados podem apresentar sentidos diversos conforme o modo e a circunstância em que forem transmitidos.

Especialmente no caso da tecnocultura, a comunicação é feita não apenas verbalmente mas ainda por ações e comportamentos que se transformam em novas mensagens ou seja, determinam o seu sentido. Há uma linguagem corporal, uma comunicação não verbal que abrange gestos, expressões e movimentos. Uma

linguagem da ação que se manifesta especialmente nesse tipo da produção com forte efeito comunicador. O comportamento do receptor orientando-se em função do comportamento do transmissor.

Talvez se possa afirmar ter maior força do convencimento as pessoas bebendo e fumando em filmes e novelas do que propriamente as propagandas de bebidas e de cigarros.

Acontece, então, não apenas uma produção cultural, mas uma ação social, já que o seu sentido vai interferir no comportamento social.

Há, pois, uma consciência intencional do ator que produz a cultura e uma mensagem (como um sistema de operações) que é a própria produção que vem com um significado explícito e um sentido implícito. Esse sentido provém, freqüentemente, da interpretação do real feita pelo imaginário e vai atingir direta e indiretamente o receptor.

Somente a consciência desse fenômeno promovida pela educação pode, de certo modo, contorná-lo e controlá-lo.

O imaginário e o sentido na linguagem da mídia:

Entende-se aqui "imaginário" como a faculdade de interpretação do real radicada no inconsciente e que se manifesta em todo tipo de produção cultural.

A noção de imaginário, extremamente rica e instigante, foi trabalhada com significados diversos por diferentes autores como Castoriadis, Barbier, Durand, Morin entre outros.

Embora cada autor tenha posto a tônica num determinado aspecto da questão, pode-se perceber um objetivo comum a todos: desvelar o imaginário enquanto fator primordial e constitutivo, presente e interveniente em todo processo psíquico humano.

Como já foi dito, pode-se definir o imaginário como um fenômeno psíquico radicado no inconsciente que leva o sujeito a interpretar o real segundo o seu ponto de vista.

O imaginário vai direcionar o processo cognitivo em todos os seus níveis apresentando-se como uma força mobilizadora que vai interferir em todo o agir humano.

É então entendido não apenas como um mecanismo de interpretação do real, mas ainda como força mobilizadora que interfere no processo da tendência para atingir o valor, da razão para apreender a idéia, formular juízos, e da vontade para agir e fazer cultura como uma produção originária do inconsciente. Sendo um fenômeno psíquico que se revela freqüentemente por meio de símbolos, diferem os diversos autores quanto às relações entre imagem e imaginário. Enquanto alguns relacionam os dois fenômenos, outros os distinguem como realidades diversas.

Ao que parece, a imaginação simbólica decorre do imaginário que produz não apenas cópias, mas interpretações, da realidade.

O imaginário pode assim ser considerado como a manifestação mais profunda do psiquismo, pois não apenas constrói imagens que ultrapassam a realidade reu-

nindo-as de maneiras novas e originais (o que seria designado como imaginação), mas ainda as caracteriza com uma significação especial por constituir uma faculdade de interpretação da realidade.

O aspecto fundamental estaria na interpretação da realidade que vai ser conhecida sob determinada ótica, sob um ponto de vista que a deturpa e deforma.

A atuação desse fenômeno dá-se em dois níveis: como processo individual por meio do qual cada um interpreta a realidade expressando a própria dimensão desiderativa e como "imaginário social" ou manifestação da interpretação coletiva da realidade. Essas interpretações coletivas cristalizam-se formando o chamado imaginário social que vai influenciar o modo de interpretação individual pelo fato de nascer o sujeito num meio social. Por meio dessa interpretação coletiva vão ser constituídos os esquemas, os arquétipos e os símbolos que vão reger toda a vida social.

Para Morin (1983), o imaginário participa da construção de todo o conhecimento. Na infância são recebidos pela família os preconceitos que se incorporam ao sujeito influenciando na sua forma de ver o mundo.

O imaginário social constitui uma rede de interpretações simbólicas manifestada pelos preconceitos, mitos, tradições, usos, produções folclóricas e artísticas que, recebidas pelo sujeito na fase anterior à capacidade de conceituação e de crítica, direcionam todos os seus processos psíquicos.

A criança nascendo num meio cultural e não tendo condições de conceituar

e ajuizar por si mesma recebe, passivamente, o imaginário social da comunidade em que passou os primeiros anos de sua vida. Dela aceita uma visão de mundo que lhe proporciona uma determinada leitura do meio natural, do ecossistema, do cosmos em geral e ainda uma ideologia como uma definida interpretação dos papéis e das relações sociais.

O fato de radicar-se o imaginário no inconsciente torna difícil ao homem dar-se conta das suas distorções e faz com que a produção cultural dele resultante seja espontânea e não proveniente de um ato propriamente voluntário que seria o decorrente da vontade livre devidamente instruída pela razão.

A interpretação imaginária, portanto, promove o agir espontâneo, que é o feito sem conhecimento de causa e sem decisão propriamente dita.

O conhecimento é sempre construído seletivamente e segundo os preconceitos produzidos pelo imaginário. Ao conhecer, o sujeito não apenas reflete a realidade, mas a organiza conferindo-lhe um sentido.

Ocorre agora um fato novo e inédito na história da humanidade. Durante séculos e séculos esse imaginário seja como faculdade de interpretação, seja como resultado dessa interpretação – o imaginário social –, constituiu-se espontaneamente pelo saudável convívio das gerações. Enquanto a mais idosa procurava manter as tradições, cosmovisão e ideologia dominantes, a nova geração buscava a inovação e a utopia. Era assim feita e refeita a interpretação do mundo, dos papéis e das relações sociais que constituíam um conteúdo denominado imaginário social, sistematicamente passado e

aceito pela nova geração de modo passivo e preconceitual. No século XX algo diferente aconteceu: o imaginário social passou a constituir-se de outra maneira, segundo um novo modelo sofrendo a interferência primeiramente do rádio e depois, especialmente da televisão.

A tecnologia funciona então como uma variável interveniente que se introduz no tecido social produzindo e transmitindo um imaginário que não sendo apreendido apenas por sua denotação, mas pelo que passa de modo velado, manifesta-se com uma força avassaladora, escapando às tentativas de controle.

Surgem assim uma interpretação do real e uma formação de sentido aleatória que são impostas com uma pressão extremamente forte.

Os meios de comunicação social, especialmente o rádio e a televisão que mantêm o sujeito passivo, transmitem uma visão de mundo que vai ser entendida como a própria realidade. É então aceita uma escala de valores que muitas vezes não corresponde às reais necessidades humanas e a uma interpretação da vida tida como única e verdadeira que, de certo modo, bloqueia a racionalidade e o julgamento do sujeito.

Também na instância da ideologia entendida como a interpretação imaginária dos papéis e das relações sociais, é grande a interferência da "mídia". Seja com consciência, intenção e determinação, seja pela conotação de suas mensagens, ela vai interferir na construção do ideológico formando a opinião pública e criando novos padrões de moralidade individual e social, modificando atitudes e comportamentos.

Segundo Eliseo Verón (1970, p. 30), qualquer mudança, por pequena que seja, pode mudar a conotação da mensagem que é o nível pelo qual são transmitidos os conteúdos imaginários da ideologia que escapam ao controle da razão. É feita então a comunicação de uma série de valores e de contravalores não previstos e não intencionados pelo emissor. Seria assim possível uma contradição entre a intenção explícita e a significação implícita da mensagem.

Pode-se admitir a possibilidade do conhecimento da significação imaginária da mensagem a partir da análise da conduta na vida social tanto individual como coletiva. Essa significação, que se radica no inconsciente e se expressa pelo imaginário, pode ser percebida nos sistemas de representação social.

A característica da simplificação mostra-se com especial força na ideologia transmitida pela tecnocultura. As dificuldades, as múltiplas implicações das diferentes questões sociais e políticas são simplificadas, reduzidas de modo a serem resolvidas sem esforço. O nascimento, o casamento, a separação, os cuidados com os filhos, a doença e a morte são situações simplificadas que passam especialmente pela conotação da linguagem, a impressão de serem problemas facilmente solucionáveis.

Admitindo-se a ideologia como interpretação subjetiva dos papéis e das relações sociais, percebem-se suas numerosas funções: justificar, situações muitas vezes ilegítimas e até irracionais; dissimular escondendo a verdade e a justiça, propiciar a dominação de uns sobre os outros e ainda, unir os que dela participam fazendo-os sentirem-se como pertencen-

tes a um mesmo todo mobilizando-os para a ação. Essa última característica da operacionalidade própria da ideologia torna-se especialmente importante quando é veiculada pela "mídia" pela abrangência e força que passa a ter. É uma modalidade de comunicação que leva à imitação e à ação, que propõe atitudes e padrões de comportamento.

A "mídia" e a educação:

Juntamente com a educação formal que se processa nas instituições de ensino, ocorre também uma educação informal promovida pela família, pela sociedade em geral e pelos meios de comunicação social. Nestes, o processo pedagógico pode dar-se pelos ditos programas instrutivos que visam à transmissão de conhecimentos por meio de aulas ou pela focalização de temas que possam, de algum modo, enriquecer o seu público com informações e saberes variados.

Como já se viu, a produção de tecnocultura não é neutra. Sua ação pedagógica vem não propriamente pelos conteúdos que aborda, mas pelo sentido com que são apresentados.

É o sentido das suas transmissões que vai, de modo velado, interferir no sujeito e promover a sua transformação. Muito se fala atualmente em educação transformadora. Para este objetivo, a mídia pode ser de especial importância. Na realidade, programas de auditório, entrevistas, filmes e novelas podem modificar hábitos e introduzir novos padrões de comportamento moral.

Nota-se, no entanto, que a tecnocultura embora diversificando-se cada vez mais, continua a ser produzida com fins

específicos que muitas vezes distanciam-se muito dos objetivos da educação.

Com essa nova roupagem avolumam-se as mensagens, as informações, as divulgações científicas, mas não são aprimoradas a organização do pensamento, a reflexão lógica, a sensibilidade, o que dificulta a capacidade para o desvelamento da conotação de seus conteúdos explícitos.

Vai-se chegar à sociedade extremamente informada e com pouca capacidade para situar, classificar, e avaliar essa informação.

Graças à sua capacidade de influência, foi a mídia adquirindo um poder de certo modo semelhante ao do Estado. Ela denuncia, acusa, defende causas públicas como as lideranças políticas. Em alguns casos, a sua acusação influencia não só a opinião pública mas até a própria Justiça.

Ela faz uma escolha que orienta o seu público ao mesmo tempo em que "cria" um consumidor de notícias.

Afirma-se comumente que a "mídia" oferece o que o seu público quer e gosta. Pode-se, no entanto, perguntar se, ao contrário, essa reação não resulta de um condicionamento feito pelos próprios meios de comunicação social.

Muito clara é a ação positiva da televisão ao modificar comportamentos na área da higiene e da saúde. É inegável o êxito das campanhas de vacinação e de combate à diarreia com o soro caseiro. Tais sucessos parecem comprovar a sua interferência no comportamento social.

É difícil para o público, perceber a diferença entre a notícia e os comentários que se fazem sobre ela.

Para cada significação são possíveis múltiplos sentidos. Uma mesma manifestação cultural pode apresentar sentidos diversos para os que a recebem. Pode ser lida pelos receptores de diferentes maneiras o que parece confirmar, segundo a qual a produção cultural da mídia, embora influencie, não determina o comportamento social. Prevalece a importância da educação sistemática que tem como fundamento a reflexão e a justificação lógica da ação.

Não se pode, no entanto, negar a interação entre a educação e a cultura. Embora o produtor cultural raramente aja de maneira irracional e totalmente espontânea, pois, na maioria das vezes, tem consciência dos seus objetivos, ocorrem sempre mecanismos imaginários e simbólicos que escapam ao seu controle. Não sendo possível a produção cultural neutra vai ser preciso analisá-la não apenas pelo seu significado, mas ainda, pelo sentido que porta e que direciona a sua atuação interferindo no processo da educação.

Sendo os valores apreendidos pela sensibilidade é importante o seu desenvolvimento adequado. A linguagem dos meios de comunicação social dirige-se especialmente à sensibilidade do receptor.

A tecnocultura pode então aprimorar a sensibilidade, despertando-a para os valores sociais, éticos e estéticos entre outros e, assim, ter uma ação educativa.

Censura e ética:

A humanidade tem, como um dos principais anseios, a liberdade que, por isso, constitui um de seus maiores bens, um valor fundamental que deve ser prezado e preservado por todos.

Sendo, no entanto, este vocábulo – liberdade – um termo polissêmico, pode receber múltiplas conceituações semelhantes, mas não idênticas.

Liberdade é muitas vezes entendida como ausência total de normas e regras, como possibilidade de ação descompromissada com a comunidade.

Não se confunde, porém, liberdade com indeterminação, com ausência de objetivos por impossibilidade de reconhecimento de fins.

Tendo-se admitido como cultura uma produção que visa ao aprimoramento, ao aperfeiçoamento humano, também a tecnocultura teria este objetivo.

Aceitando-se um “dever-ser” para o homem, um modo ideal de realização, a liberdade apresenta-se como marca, como característica de sua ação.

Não a indeterminação, mas a ação consciente e responsável comandaria a pessoa humana. A liberdade é assim entendida como um valor humano que o leva a responder pelas suas escolhas e pelos seus atos. Não existiria destino como impossibilidade de autodeterminação, como predeterminação, mas a destinação que levaria o sujeito a busca de autorrealização procurando livremente o melhor para si mesmo e para o outro.

Justifica-se, pois uma responsabilidade individual e social que leva cada um a agir de modo livre e consciente visando sempre ao bem.

Não seria válida a justificativa da mutabilidade do que foi considerado como bem para o homem ao longo da história.

O objetivo é sempre o bem independentemente das inúmeras modalidades em que nas várias circunstâncias ele aparece. O que muda e varia são as interpretações, as especificações e não o objetivo de buscar o bem.

Os meios de comunicação social pertencem ao povo, à nação. São concessões do Estado a uns poucos que devem utilizá-los em benefício da maioria.

Admitindo-se como válidas tais considerações surge naturalmente, a questão da censura como a condenação do impróprio, do inadequado à realização humana ligada especialmente ao sentido da produção cultural.

O sentido da produção cultural dos meios de comunicação social pode levar à reflexão, à compreensão, ao entrosamento, à participação ou, ao contrário, pode ser nocivo ao aprimoramento do viver humano.

A questão fundamental deixa então de ser a censura entendida como escolha, como seleção para a definição de seus autores, para a instância por ela responsável.

Ao que parece, ela não pode ser exercida por uma entidade determinada como o Estado, a Igreja ou a Escola, por exemplo, mas somente pelos responsáveis pela produção cultural. É possível pela análise sistemática da questão, pelo aprofundamento dos estudos sobre as implicações da tecnocultura, uma tomada de consciência que hoje em dia começa a ser feita, para que se percebam com mais clareza as conseqüências das opções nessa área.

Cabe à educação a instauração do processo de reflexão sobre valores para

que a tecnocultura possa promover o desenvolvimento da humanidade do homem colaborando com o seu aprimoramento e não com a sua degradação.

Conclusões:

Ao fim desta pequena reflexão sobre a relação entre tecnocultura e educação algumas conclusões parecem possíveis.

Primeiramente chega-se à necessidade de um aprofundamento da reflexão sobre os conceitos de cultura e de tecnocultura como estratégia para a superação das freqüentes contradições que propiciam.

Não sendo possível o estabelecimento de regras e normas práticas nesses campos, conclui-se apenas pela necessidade da sistemática reflexão sobre essas categorias para que sejam definidos seus contornos e delimitadas sua compreensão e extensão.

Tendo-se aceito arbitrariamente a definição de cultura como a produção humana proveniente, seja do imaginário, seja do ato livre mobilizado pela sensibilidade, ou/ e pela razão que de algum modo agrega valor à natureza em geral, ao outro ou ao próprio sujeito, vai-se usar o mesmo critério para definir a tecnocultura. Também ela deve promover e instaurar o valor, não se admitindo como sua produção o nocivo, o feio e o mal.

Torna-se, por esse caminho, fundamental, o conhecimento das características da multimídia, o domínio de sua linguagem, o desvelamento da conotação de suas mensagens.

Estabelece-se então uma ligação entre tecnocultura e educação passando pela ética.

Entende-se por educação não apenas a apropriação do saber acumulado como armazenamento de informações científicas, como domínio de tecnologias ou como aquisição de conhecimentos práticos, como regras de bem viver, como o exercício da cidadania ou como a profissionalização, mas sim como a apreensão e a hierarquização de valores de modo próprio e adequado à maior realização humana.

A produção cultural da multimídia deve promover a educação e estar de acordo com os seus objetivos e, ao mesmo tempo, aceitar a sua interferência e colaboração.

A cultura e, por extensão, a tecnocultura podem ainda ser entendidas como a dimensão comunitária da vida, como rede de significados e de sentidos que permite o sentimento de "pertencer" a uma comunidade.

Sob esse ponto de vista torna-se ainda mais importante a produção da mídia. Na

verdade, alguém que a desconhecesse totalmente, ou que dela pouco participasse, teria dificuldade em sentir-se integrado na comunidade.

A educação como reflexão crítica vai analisar essa produção no intuito de levá-la a contribuir para o aprimoramento humano. Fica bem clara a impossibilidade e a impropriedade da dissociação da cultura e, por extensão, da tecnocultura e da educação. A relação entre educação e cultura não é de oposição, mas de interação e de complementaridade, uma resultando da outra.

As práticas educativas levam à cultura, e a vivência da cultura ao aprimoramento da educação o que dificulta a compreensão da separação entre o Ministério da Educação e o da Cultura como se constituíssem áreas independentes do desenvolvimento humano.

Seja como dimensão comunitária da vida, seja como costume, como folclore, como arte ou como produção dos meios de comunicação social, cultura é sempre um processo de aperfeiçoamento humano.

Recebido em: 18/08/2004

Aceito para publicação: 10/11/2004

ABSTRACT

Technoculture and Education

This article aims at analyzing from a philosophical-pedagogical perspective the relationship between techno-culture and education. It takes as methodological reference principles from the Theory of Values, conceptualizing education as a process of apprehension and hierarchical arrangement in a proper and adequate way for the human one's sensitive, it analyses the role of media in general, which especially appeals to this educational resort that functions not only to communicate, but also to propose a hierarchy of values that leads to one's development. It analyses the characteristics of multimedia, the denotation and connotation of its messages, the imaginary and the meaning of its language. It demonstrates that as the technological production is not neutral, its pedagogical action occurs through the way it is presented, and not through the content it conveys. It also approaches questions of censorship and ethics in the media production. It sums up stating the necessity of a deeper reflection over concepts like culture, techno-culture and education concerning ethics.

Key-words: Techno-culture – culture – media – education – ethics

RESUMEN

Tecnocultura e educação

El artículo intenta analizar de una perspectiva filosófico-pedagógica la relación entre la tecnocultura y la educación. El referencial metodológico está basado en la Teoría de Los Valores que conceptúa la educación como el proceso de aprehensión y de escalonamiento de valores de modo propio y adecuado a las aspiraciones humanas. Admitiendo que la aprehensión de valores se da por la sensibilidad, analiza el papel de la media en general que apela especialmente para esta facultad como agente educador. Entiende que los multimedia son una instancia de la educación que tienen como función comunicar y proponer una escala de valores que leva al desarrollo del sujeto. Analiza las características de los multimedia, la denotación y la connotación de sus mensajes, el imaginario y el sentido de su lenguaje. La producción de tecnología no es neutra y la acción pedagógica se realiza por el sentido que es presentado y no propiamente por los contenidos que transmite. Trata, aún, de la censura y de la ética en la media. Concluí pro la necesidad de más reflexiones sobre los conceptos de cultura, de tecnocultura y de educación ética.

Palabras-clave: Tecnocultura – cultura – Media – educación – ética

Referências bibliográficas

- BARBIER, R. *L'histoire du concept l'imaginaire*. Paris, 1997. Disponível em: <<http://www.fp.univ-paris8.fr>>. Acesso em: ago. 2001.
- CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- COHN, G. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- DURAND, G. *Champs de l'imaginaire*. Grenoble, FR: Ellug, 1996.
- _____. *A imaginação simbólica*. Tradução de Edilane F. Pereira. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1998.
- _____. *O imaginário*. Tradução de Renée Eve Sevié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FREITAS, M. C. (Org.). *A reinvenção do futuro*. São Paulo: Cortez; Bragança Paulista: ESF, IFAN, 1996.
- FRONDIZI, R. *Que son los valores?* México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrolo*. Tradução de Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: D. P. & A., 2002.
- JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- LUCKESI, C. C. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- MORIN, E. *Cultura de massas no séc. XX*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- MOSCOVICI, S. (Org.). *Psychologie sociale des relations à autrui*. Paris: PUF, 1994.
- SARTORI, G. *Homo videns: televisão e pós-pensamento*. Tradução de Antônio Augonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

- SODRÉ, M. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- TEIXEIRA, C. *Guerras culturais*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TOFFLER, A. *A terceira onda*. Tradução de José Távora. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- TORRES, C. A. *Democracia, educação e multiculturalismo*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2001.
- VERÓN, E. *Ideologia, estrutura e comunicação*. Tradução de Amélia Cohn. São Paulo: Cultrix, 1970.
- WERNECK, V. R. *Educação e sensibilidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

Correspondência:
ensaio@cesgranrio.org.br